

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLJA GREY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

SUMMARIO

MEMORIAS

	PAGS.
Hermilio Alcalde del Rio—LAS PINTURAS Y GRABADOS DE LAS CAVERNAS PREHISTÓRICAS (com 3 illustrações e 10 estampas)	137-178
Fonseca Cardoso—CASTRO LABOREIRO (Ensaio anthropologico, com 9 ill.)	179-186
Rocha Peixoto—ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA: TABULÆ VOTIVÆ (com 11 ill.)	187-212
Alberto Sampaio—AS PÓVOAS MARÍTIMAS DO NORTE DE PORTUGAL	213-232

VARIA

NOTAS E COMUNICAÇÕES

Ricardo Severo—O Mercurio de Casal-Comba (com 2 ill. e 1 est.)	233-241
José Fortes—A sepultura da quinta da Agua Branca (com 9 ill.)	241-252
—Necropole lusitano-romana da Lomba (com 4 ill. e 1 est.)	252-262
Ricardo Severo—O Castro de Villarinho de Cotas (com 7 ill.)	263-269
Rocha Peixoto—Uma ornamentação ceramica actual de caracter archaico (com 1 ill.)	270-272
Manuel Monteiro—Prodigios de S. Bernardo em azulejo (com 2 ill.)	272-274
A. Thomaz Pires—A olaria em Elvas	274-277
Carlos Alves—Ethnographia mirandesa: A matança do porco	277-280
Tavares Teixeira—Folk-lore transmontano	280
Pedro Fernandes Thomaz—Folk-lore beirão (com duas musicas)	281-282

NOTICIAS

O bracelete d'ouro de Tellões, por R. S. (com 1 ill.)	283
Outros achados em Tellões, por R. S. (com 1 ill.)	283
A cidade de Riadouro, por R. P.	284
Sepulturas romanas de Condeixa-a-Velha, por A. G.	285-286
Sepulturas abertas em rocha, por R. P.	287-288

NOTICIAS EPIGRAPHICAS

Lapide de Guidões (com 1 ill.)	289
Inscrição de Miranda do Douro, por A. Pereira Lopo (com 1 ill.)	289
Analecta epigraphica—Inscrições funerarias, por José Fortes (com 2 ill.)	289-290

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

JOSÉ FORTES, Restos de uma villa lusitano-romana—por R. P.	291
J. F. NERY DELGADO, Deux mots à propos du liere de Mr. Georges Engerrand—por R. S.	291-292
JOSÉ FORTES, Les éolithes du Portugal—por R. P.	292
J. LEITE DE VASCONCELLOS, Religiões da Lusitania, na parte que principalmente se refere a Portugal—por R. S.	292-294
ADOLF SCHULTEN, Numantia—por Alberto Sampaio	294-296
A. DA COSTA FERREIRA, La capacité du crane et la composition ethnique probable du peuple portugais—por R. S.	296-297
A. DA COSTA FERREIRA, La capacité cranienne chez les criminels portugais—por R. S.	297
Aula de anthropologia da Universidade de Coimbra—por R. P.	297
D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS, Algumas palavras a respeito de pucaros de Portugal—por R. P.	297-298
A. THOMAZ PIRES, Estudos e notas elvenses—por R. P.	298
A. THOMAZ PIRES, Cantos populares portugueses—por R. P.	298
C. BOULANGER, Le droit de marché—por Alberto Sampaio	298-299
ANTONIO DOS SANTOS ROCHA, O museu municipal da Figueira da Foz—por R. S.	300

PUBLICAÇÕES AVULSAS

Boletim da Sociedade Archeologica «Santos Rocha», da Figueira da Foz—por R. S.	300
--	-----

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASCICULO: Arthur Cruz, D. Clotilde da Rocha Peixoto, Francisco Gil, Hermilio Alcalde (D.), Joaquim Aroso, José Fortes, José Pinho, Ricardo Severo, S. Silvestri, etc.

CLICHÉS DE: Alvão, João San Romão, José Fortes, Ricardo Severo, Rocha Peixoto, etc.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

José Fortes — RESTOS DE UMA VILLA LUSITANO-ROMANA
(*Povoá de Varzim*), 4.^o peq. ill., 41 pags. e 1 planta.
Imp. Portuguesa. Porto, 1905.

DESNUDADA de atavios de erudição, mas solidamente fundamentada nos mais recentes preceitos e indefectíveis aquisições da archeologia nacional, esta monographia de vulgarisação é das mais interessantes que ora conta a litteratura portugueza do genero. Não deu a exploração, pela indigencia do mobiliario e ainda pela impossibilidade de estender as indagações até onde actualmente se erguem predios ou cultivam hortas, os elementos desejados para um estudo de mais dilatado horisonte. E por isso mesmo, com os escassos materiaes obtidos e a magoa do enigma subjacente ao casario, o illustre archeologo que é hoje José Fortes, alcançou realisar, no entretanto, uma obra de cuja indole não temos exemplos muito frequentes: saber do mais authenticos sem o luxo das annotações eruditas, glossario accessivel ou, quando especializado, logo esclarecido, sagacidade na interpretação dos despojos á vista, proporção, distribuição, e, em torno, a nobre moldura d'uma cuidada prosa.

Effectivamente José Fortes sendo hoje, entre nós, um dos estudiosos mais exuberantemente apetrechados, não dilue o seu saber n'uma exposição desalinhada e secca como galhos mortos, interpolada e intercorrente; sobredoura-o, com um desvelo de estheta, vasando-o n'uma excellente forma didactica em que a elegancia e a elevação caracterizam principalmente as faculdades maximas de que dispõe o seu instrumento de expressão. E provaria este opusculo, se um convencimento, para muitos, não estivesse já de longa data adquirido, como se pode tratar sciencia, mesmo sáfara, a dentro d'uma linguagem que não seja precisamente a d'uma occorrença de policia.

Assim se explica como este trabalho, em que se descrevem e interpretam umas ruinas soterradas em areias, logrou uma vasta leitura e, o que mais avulta, interessada, curiosa, indagadora e encantada. A revelação de as origens da Povoá de Varzim estarem, com toda a verosimilhança, nos despojos que o acaso fez emergir d'uns médões, promoveu um interesse somenos a quando se procedia aos desaterros. Mas exhibida ulteriormente com rigor, sem excluir comtudo a attração da plastica formal, o acolhimento então foi outro e o exito — pois que não se servia ao publico garbulhas — acima das mais lisongeiras previsões.

R. P.

J. F. Nery Delgado — DEUX MOTS À PROPOS DU LIVRE DE MR. GEORGES ENGERRAND, *Six leçons de Préhistoire* — Extrait du tome VI des « *Communicações* » du Service Géologique du Portugal, 1905, 8 pags.

Dizia no seu livro o professor Engerrand, citando o dr. Hervé, que « les restes de 140 individus de la grotte de Furninha, presqu'île de Peniche... de 80 squelettes de la crypte mégalithique de Monte-Abrahão, près de Lisbonne, et de beaucoup d'autres encore ont été irrémédiablement perdus par le vandalisme stupide des collectionneurs ». Ora a gruta da Furninha tinha sido explorada por forma exemplar pelo nosso illustre geologo J. F. Nery Delgado, sem que ninguem anteriormente ali tivesse feito excavações. A censura de Hervé, que Engerrand adrede cita para provar a pillagem dos jazigos archeologicos pelos colleccionadores, *pretendus savants*, era, em tal caso, de todo infundada e affrontosa. Justa foi, e patriótica, a energica attitude do honrado investigador da Furninha, e a prompta defeza que o distincto homem de sciencia produziu em seu libello de protesto. Já não tem cabimento o nosso interferente commentario em tal questão, na qual todos publicamente deram provas de cavalheiresca lealdade e as mais categoricas satisfações. E' uma pendencia nobremente liquidada.

Resumiremos para a historia do incidente que Engerrand, em carta particular ao sabio Director dos Trabalhos Geologicos, o sr. Nery Delgado, lhe dá as mais honrosas e cabaes satisfações, e do seu

erro fez notoria reparação perante a Sociedade de Anthropologia de Bruxellas, assim como em um pequeno opusculo *Les Éolithes et la Logique*, Bruxelles, 1906, pag. 6. Hervé, que havia publicado a passagem incriminada na *Revue de l'École d'Anthropologie*, 1899, pag. 274 (também citada por Manouvrier, idem, 1901, pag. 232) faz publicamente *amende honorable* na carta a M. Boule de 20 de dezembro de 1905, inscripta no fasc. 6, tomo XVI (1905) da revista *L'Anthropologie* (pag. 726). Depois de phrases elogiosas, justas e significativas, dirigidas ao sr. Nery Delgado, termina: « Vous m'obligeriez, Monsieur et cher collègue, en me permettant de rappeler dans votre Revue que j'ai adressé à ce sujet, à M. Georges Engerrand, le 6 octobre, une lettre publique explicative, communiquée par ce dernier à la Société d'Anthropologie de Bruxelles. Cette lettre aura donnée, je l'espère, pleine satisfaction à l'honorable M. Delgado, qui reconnaitra qu'il a, avec une vivacité d'ailleurs compréhensible, quoiqu'un peu prompte, croisé le fer contre un adversaire inexistant, ou qui du moins n'existe un moment aujourd'hui que pour le saluer de son épée. »

A tão fidalga cortezia ha que corresponder com igual gentileza; por isso se submete em silencio a inoportuna critica. Para o sr. Nery Delgado foi este um méro incidente, no qual mais uma vez brilharam as suas qualidades de caracter e o seu patriotismo; e ao mesmo tempo um pretexto para que recebesse uma publica consagração de unanime justiça, que os seus admiradores e amigos cordealmente applaudem.

R. S.

José Fortes — LES ÉOLITHES DU PORTUGAL (Ext. do *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, séance du 23 mars 1905). 8.º, 7 pags. Le Mans, 1905.

Consignando que as investigações de Carlos Ribeiro não foram proseguídas depois do passamento do insigne geologo, o auctor illustre d'esta communicacão allude rapidamente á historia do assumpto em Portugal, registra a justesa da classificacão de idade e natureza do terreno onde as quartzites e sílex foram recolhidos e annota a existencia das caracteristicas convencionaes de presumida intencionalidade. Com o nosso illustre e presado camarada Ricardo Severo partilha certas reservas. E de passo assignala o actual scepticismo de sr. Cartailhac e lembra as observações do sr. S. Meunier. D'estas é licito approximar as do sr. Marcellin Boule, posteriormente vindas a publico (*L'Anthropologie*, XVI, 3) e pelas quaes o eminent paleontologista francez mostra que pedras identicas aos eolithos e encontradas nas alluviões quaternarias ou pre-quaternarias podem derivar exclusivamente de acções physicas. Era, de resto, já conhecida a attitude d'este insigne homem de sciencia ante a debatida existencia, na era terciaria e baseada sobre pedras lascadas, d'um homem ou d'um precursor do homem. Ulteriormente mesmo, e a proposito do artigo de L'apparent *La Fable éolithique*, ma's uma vez confirma (*L'Anthrop.*, XVI, 6) a sua opinião, a qual, segundo informações particulares, teve vasta e boa companhia no recente Congresso de Monaco.

A' communicacão de José Fortes appensa-se um resumo de debate ácerca da acção dos agentes atmosphericos sobre os sílex.

R. P.

J. Leite de Vasconcellos — RELIGIÕES DA LUSITANIA, NA PARTE QUE PRINCIPALMENTE SE REFERE A PORTUGAL, vol. II, Lisboa, Imp. Nacional, 1905, 8.º, 376 pags. VI ests., 82 figs. no texto.

Este segundo volume occupa-se dos TEMPOS PROTOHISTÓRICOS. Do primeiro, relativo aos TEMPOS PREHISTÓRICOS, já nos occupamos em succinta bibliographia no tomo I da *Portugalia*, pags. 172-3.

Por TEMPOS PROTOHISTÓRICOS entende o Auctor « os que medeiam entre a Prehistoria e a chegada dos Romanos á Lusitania, ou melhor, á Peninsula, no sec. III A. C. » E' o periodo da nossa « HISTORIA HEROICA ».

Inicia-se o volume pelos indispensaveis preliminares sobre Protohistoria portugueza, expondo o A. quaes os elementos principaes de investigacão: Auctores antigos, Monumentos, Tradição. Segue-se um capitulo em que faz a reconstituicão da geographia da Lusitania protohistorica, fundamentada principalmente sobre os AA. classicos: Estrabão, Avieno, Plinio, Mela, Ptolomeu, e outros eguaes e menores. Os resultados da interpretacão, conjectural dos textos, e consequente adaptacão á geographia actual ou mesmo classica, permanecerão, a nosso vêr, em grande parte incertos — não obstante a proficiencia dos commentadores — e no mesmo indeciso mysterio em que jazem algumas d'essas fontes classicas.

O capitulo immediato sobre Ethnologia baseia-se egualmente sobre os textos, esclarecidos pelas investigações da Linguistica. E, levado pelas especulações philologicas de sua especialidade, construe o A. como é natural, o seu mais desenvolvido paragrapho a proposito dos Celtas — o A. é um celtista. Com rasão se lamenta da falta de elementos anthropologicos para esclarecimento das varias theses ethnologicas. E, na verdade, é já em demasia a litteratura rhetorica e academica d'esta nossa ethnogenia, edificada theoreticamente sobre quantos auctores gregos e romanos dissertaram ácerca da Peninsula. Pois que, de tanta philosophia em tamanhos tratados, a conclusão é ainda de uma deficiencia desconcertante. Restam os mesmos pontos fundamentaes litigiosos. Por este motivo e pela carencia de conhecimentos empiricos, o A. é obrigado a afirmar ao final que « nada pode acrescentar a tal respeito » (pag. 71) — da exacta constituição anthropologica do povo ou povos da Lusitania. Também nada acrescentamos n'esta ques-

tão, deixando que o A. continue, como diz que prefere, a «seguir impessoalmente o seu caminho», (nota 2, pag. 53).

O capítulo sobre Ethnographia occupa-se de modo breve, em varios sub-capítulos: da organização social (grupos ethnicos) e instituições dos Lusitanos (*populi* independentes com *regulus* e suas *civitates*, com grupos de *gentilitates*...); dos locais em que estes viviam (altos dos montes, *castros*, *cividades*...); das linguas que fallavam (idiomas ibéricos, um dos quaes representa o actual *vasconço*, phenício, grego, celtico, ligurico, por ultimo o latim predominante); dos costumes e finalmente dos caracteres geraes dos Lusitanos. Não obstante a erudita informação classica, muitos d'estes caracteres ethnographicos são, na sua applicação generica ás *sociedades* lusitanicas, meramente phantasiosos e por vezes incaracterísticos.

Terminam d'esta sorte os *preliminares* e entra o A. no estudo das RELIGIÕES PROTOHISTORICAS. Como justificação do methodo geral que adoptou, pondera o A. que: «visto conhecermos a epocha proto-historica quasi só por documentos provenientes de epochas propriamente historicas, se torna necessario fazer trabalho reconstructivo, apreciando cada deus e cada culto por testemunhos posteriores aos tempos a que elles originariamente pertencem» (pag. 99). Muito embora a excusa, este é um dos desacertos — mais de effeito que de engenho — do estudo presente, o qual o A. não evitou. E se a consideração das innumeradas difficuldades, algumas insuperaveis, de uma tal directriz, não aconselhou a mudança de rumo ou a desistencia do projecto estabelecido, o erro era fatal, senão da ousada tentativa que é louvavel, do fim proposto que distante fica, inatingivel, porque para longe conduz o errado desvio. A confessada deficiencia de conhecimentos exactos sobre a natureza dos povos Lusitanos, linguas, *habitat*, usos, civilizações, etc., impossibilita o necessario estabelecimento dos elementos basilares de origem e de meio, unicas razões de ser, de causa e de effeito, da propria religião ou phenomenos religiosos. O criterio reconstructivo é, em tal caso, méro artificio; e é, confessemo-lo, um tentador peccado.

Não nos sobra o tempo e o espaço para seguir bibliographicamente o A. n'esta parte do seu programma. Occupa-se n'este volume tão sómente da secção I — Divindades, crenças e cultos — ficando o restante (actos religiosos, formas cultuaes e considerações geraes) para o terceiro volume, que nos promete para breve. E n'esta primeira secção são notorios pelo seu desenvolvimento alguns dos capitulos, como por exemplo, a proposito dos deuses: *Endovellico*, *Atégina*, *Tongoenabiagus*, *Bormanicus*, etc.

Do primeiro, cujo santuario fóra em S. Miguel da Motta (em Alandroal, no Alentejo), faz longo e documentado estudo, não só pela importancia do seu culto, e numero material epigraphico, como por ter sido a exploração das ruínas do santuario a «auspiciosa estreia archeologica» do A. (pag. 112); e tanto que este capítulo é o resumo de uma monographia circunstanciada que nos annuncia. A palavra *Endovellicus* «pode bem ser celtica» (pag. 125) e o culto do deus «talvez de origem pré-celtica, definiu-se melhor, ao que parece, na epocha celtica, e teve o maximo esplendor na epocha romana. De deus privativo da montanha, *genius loci*, *Endovellico* tornou-se milagroso» (pag. 145) — egual de Esculapio.

A deusa *Atégina* tambem nos é denunciada pela epigraphia. «Da possibilidade de ser celtica a palavra» não se julga o A. auctorizado a concluir que a origem do culto o fosse egualmente, pois podiam os Celtas ter celtizado um culto indigena, como depois os Romanos romanizaram um culto celtico-ibero» (pag. 173). O A. identifica esta divindade com Proserpina.

O deus da fonte de Braga, *Tongoenabiagus*, que é conhecido desde Argote, merece tambem estudo desenvolvido. A inscripção fontenaria foi muito discutida e mal lida; o A. rectifica: «fui eu quem primeiro leu correctamente esta inscripção, como se viu da resenha bibliographica que apresentei acima» (pag. 246); e discute substanciosamente o caso da letra inicial mal lida e de outras deturpadas; explica-nos tambem a barbara denominação pela etymologia celtica, e a proposito da origem celtica ou celtização do culto o mesmo diz que dos anteriores.

O deus *Bormanicus*, genio tutelar das *thermas* de Vizella, muito embora alguns auctores o considerem de nome ligurico, é tambem para o A. deus dos Celtas lusitanos, resalvando, porém, que bem pudera o seu culto ser de origem pré-celtica.

Estes casos de realce em obra de quantiosa documentação são apresentados como exemplo corrente do methodo do A. e da concordancia de suas deducções, symptoma de uma preconcebida orientação, a qual consignamos. O A. é um philologo, e como tal submete todas as designações que não entram no molde latino á analyse pela etymologia celtica. Observaremos apenas que é discutivel este criterio, não só quanto á interpretação linguistica, como á consequente deducção archeologica. Em um pequeno e perfeito Manual para o estudo das antiguidades celticas, de recente publicação — pelo professor G. Dottin — está exposto com verdade quanto o methodo linguistico, sendo um methodo preciso de investigação, se torna fallivel n'este caso, particularmente quando se estuda o velho celtico continental. A maneira insistente de resumir que o deus é de provavel nome celta e o culto poderia ser de origem pré-celtica, mas em seguida celtizado e romanizado, manifesta quanto é vaga e hypothetica a solução que apenas substitue varias incognitas á principal incognita do problema. Demais, o A. lê celta, e interpreta pela mythologia greco-romana, consoante a mais proxima razão de similaridade. Novas duvidas surgem, e certamente porque nos é ainda impossivel determinar, sob o aspecto ligurico, celtico ou romano, qual o typo original da divindade indigena, sua significação e culto proprio.

Apesar de tudo, o facto é que, mesmo sob essa documentação de modelo celtico, existe realmente a individualidade *ibérica* original, que o A. não nega e deixa suspeitosa ou hypothetica.

Falta a secção II para uma impressão completa d'esta parte da obra do sr. J. L. de Vasconcellos. Por enquanto, temos uma volumosa collecção de factos, ordenados para um estudo de especialidade, trasladados na quasi totalidade do *Corpus* da epigraphia nacional, do qual o A. tem sido um dos devotados collaboradores.

Desenvolve o A. o seu commentario, ora alongando-se em minucias bibliographicas e descriptivas que se tornam perturbadoras, ora intercalando extensas e engenhosas especulações de algebra philologica que desordenam o texto, já de sobra retalhado por notulas de varia espécie, e construído sob uma forma litteraria desigual, anesthetica, por vezes imprecisa. Serão porventura estes detalhes inconvenientes proprios d'um trabalho de especialidade e para especialistas; mas é certo que prejudicam consideravelmente a formal harmonia e clara exposição que compete a um trabalho didactico e a sequencia logica do plano principal determinativo do estudo.

Entretanto, merece-nos indiscutivelmente sinceros louvores uma tal coordenação de documentos scientificos, e porque com justeza sabemos apreciar o valor do trabalho e dedicação que representa esta importante contribuição para a Sciencia de Portugal.

R. S.

Adolf Schulten — NUMANTIA. *Eine topographisch-historische Untersuchung*. Berlin. Weidmannsche Buchhandlung, 1905.

Impressionado pela clara descrição topográfica que de Numância e do bloqueio de Scipião se lê em Apiano, e convencido que provinha dum observador emérito, o qual não podia ser senão Políbio, o Sr. A. Schulten veio á Espanha no outono de 1902 identificá-la no próprio sitio. Dêste primeiro exame resultou a bela e erudita memória, publicada no ano passado em Berlim com o título e sub-título acima mencionados, e que interessará sobretudo aos leitores desta revista, pois tem o mesmo objecto dos estudos privativos dela.

No seu trabalho, condensado em 108 páginas in-4.º, o sábio professor da Universidade de Göttingen tratou o assunto com tal proficiência que conseguiu uma completa restauração da topografia da mais famosa das citánias ibéricas e do bloqueio que a estrangulou, não deixando nunca no esquecimento as questões conexas, elucidativas do tema principal. Sem a determinação topográfica, essencial ao conhecimento de todas as operações militares, não se pode comprehender a campanha de Scipião, que pela sua importância tanto para a Hispânia como para Roma, é digna de ser tratada por um largo espirito contemporâneo, como o fôra na antiguidade pelo maior dos seus historiadores. Não raras vezes também a eloquência realça a exposição, tornando a monografia tam atractiva que nos encanta desde a primeira até á última lauda.

Além da introdução, contém a obra do eminente professor três secções. Aquela occupa-se da bibliografia espanhola relativa a Numância: começando com Gines de Sepúlveda, o primeiro antiquário peninsular que marcou com segurança o esquecido glorioso montículo, termina com o Sr. D. Edoardo Saavedra, metendo-se de permeio Morales, Moret, Méndez e Loperráez. Apesar de pouco, isso e sobretudo os trabalhos e plantas do distintíssimo engenheiro Saavedra prestaram ao autor valioso auxilio.

Na secção I é investigada a topografia de Numância, na II a do bloqueio, e a III contém um exame comparativo de diversos escritores antigos — confronto do maior interesse por nos mostrar as fontes das noticias transmitidas pelos diferentes historiadores. Não sendo possível relatar por extenso a análise da última secção nem os detalhes critico-históricos ou mesmo os topográficos das outras nesta simples apresentação do livro, não excederá contudo o quadro dela uma exposição, a traços rápidos, da situação, estado e fortificações de Numância, assim como das linhas bloqueantes — exposição que vai ser calçada sobre a narrativa do autor, e por isso serão dispensadas citações.

Ao sul do Idubeda, montanha divisória das águas do Ebro e Douro, num montículo que pertence ao seu desenvolvimento orográfico, ficava Numância, a capital da raça guerreira dos Arevacos. Última das citánias celtibéricas voltava-se para o lado da Galiza, e por ter estado nos confins desta, daí nasceu porventura a frase de Orósio, por muito tempo mal entendida — «in capite Gallaeciae». Occupando a mais importante posição estratégica entre o vale do Ebro e o planalto castelhano era «a acrópole dos Celtiberos», e também o ponto de converjencia das estradas comerciais antigas, como na actualidade é Sória: por isso, apesar de revezes successivos durante dez anos de ataques e assaltos infructiferos, não desistiram os romanos de a destruir.

O montículo numantino de forma oval, cujo grande eixo se inclina do norte para o sul na extensão de 1:550 m. por 775 de largo, demora numa alta rejão serrana, pois está 1:000 m. sobre o nível do mar o leito do Douro que lhe corre ao sopé pelo poente, e a planura onde existiu a cidade é sobranceira ao alveo do rio 65 a 70 m.: além do Douro, que pouco acima recebe o Tera, banha-o pelo sul o Merdancho que desemboca naquella. Os lados mais accessíveis, já pela doçura das rampas, já pela falta de protecção das correntes fluviaes, são o norte e o nascente.

O assento da cidade propriamente dita no sitio mais elevado da colina, cercado por uma muralha de 1:250 m. com a espessura de 10 na maior parte, comprehendia 9,8 hec., segundo a medição feita pelo autor com o planimetro; era a única parte provida de casas, nas quais punham a salvo as mulheres e crianças, occupando os guerreiros as outras linhas de fortificações que se seguiam — duas ordens de muralhas que podiam ter cinjido todo o outeiro, acrescento ainda uma mais curta, com probabilidade limitada á vertente occidental: dessas duas, a immediata á primeira, acima já medida, tinha 1:400 m. de extensão com a espessura de 10 a 15, e a terceira 1:650 m. por cerca de 15, ambas de construção menos perfeita que a superior: a altura presumível de todas seria de 6 m., talvez ainda com um parapeito. Fortificações concéntricas, multiplicando a defesa, pois tinham de ser successivamente escaladas umas após outras,

eram próprias não só dos iberos, mas de todos os povos primitivos: e como consistiam em muros de pedra encostados a enchimentos de terra (*aggeres*), quando foram desmoronadas, esta, cubrindo os pedregulhos, produziu as doces ondulações circulares, que o autor divisou vindo de Sória, como nós aqui as vemos de lonje nos nossos castros não explorados.

No fundo das fortificações mencionadas, possuía Numância mais uma obra-exterior, um muro de 4:400 m. (24 estádios) de circuito, ante-paro defensivo das outras; impedindo a aproximação do inimigo, formava também um espaço apropriado para a guarda do gado, e para alojar os indivíduos do mesmo povo, combatentes ou não que viviam dispersos, e no caso de guerra se recolhiam á sua acrópole, facto característico das populações ibéricas; a mesma aplicação tinham os intervalos entre a primeira e a terceira muralha. Guardavam as altas e grossas couraças de pedraria 8:000 homens, que a tanto montavam os defensores de Numância, número que compreende não só os da cidade, como os que habitavam fora e correram a socorrê-la. Com esta formidável fortaleza, munida de gente resoluta a tudo, pois tinha o sentimento claro que se jogava então o destino da pátria, vinha defrontar-se o glorioso comandante inimigo.

A secção II contém uma sábia exposição da «circumvallatio» lançada em volta do montículo pelo general romano, que repetiu aqui o bloqueio de Cartago: se não foi a falta de confiança no seu exército, apesar da enorme superioridade numérica, foram sobretudo os fortes baluartes que o resolveram, em vez da tomada por assalto, a esse outro meio, embora laborioso, mas de éxito seguro. O autor, depois de discutir as regras da arte dos bloqueios nesta época, investiga com grande sagacidade a situação provável das linhas scipiónicas, em face das condições do terreno e meios de defesa dos investidos.

Scipião chegou defronte de Numância em Outubro de 134 a. de C.: dividindo as tropas em dous acampamentos, cada qual do seu lado do Douro, num comandava êle e no outro o irmão Máximo, aí passou o inverno. Os acampamentos, desunidos pelo rio, serviram para dar o primeiro apoio á construção das linhas; terminadas estas, ficando por detrás, só puderam ser destinados ao arrumo das bagagens e outras semelhantes applicações. O bloqueio principiou no fim de Março de 133 a. de C. Feita uma linha provisória, composta de fosso e estacada, com o fim de proteger os trabalhos ulteriores, distante aqui um tiro de seta (150-200 m.) das obras numantinas, procedeu em seguida o general á execução da «circumvallatio». A sua obra isoladora formava-se de diversos elementos, de que vamos dar uma idea geral no mais curto apanhamento possível.

Nos cimos dos montes, em redor de Numância, alguns dos quais mais elevados e donde se podiam vijiar os movimentos dos sitiados, foram estabelecidos sete «castella»: comprehendia cada um a superficie de 10 hectares com cerca de 4:300 homens, e todos com 30:000. Ligava os «castella» entre si uma «fossa», larga de 3 m. por 6 de fundo, por trás da qual se erguia um «vallum» com a altura de 3 m. e espessura de 2,3; sobre êste estava ainda colocada a «lorica», parapeito de espeques aguçados. A «fossa» era contínua, excepto nos pontos em que os accidentes de terreno não permitiam ataques, assim como nos dois cortados pelo Douro, que foi barricado com traves flutuantes, cravadas de picos de ferro e presas ás margens por cordas. Sobre o «vallum» levantavam-se tórres, construídas com solidez, distanciadas umas das outras cerca de 30 m. Serviam não só para dar os avisos de alarme, de dia e noite, por um sistema de sinais assás complicado, mas também para a colocação de máquinas de arremesso. Não falando nos homens dos «castella» guardavam a restante linha 20:000, com uma reserva á mão de 10:000. A totalidade, portanto, das forças de Scipião montava a 60:000 soldados: e a «circumvallatio», incluindo as frentes dos «castella» apossimava-se, por causa das desigualdades do solo, aos 9 kilómetros tradicionais, concordando com o número transmitido por Apiano de 48 estádios, 8:880 m.

Encurralados neste círculo de ferro, desajudados das cidades vizinhas já vencidas, só duas portas ficavam abertas aos numantinos — a submissão ou a morte; os indómitos bloqueados que repetidas vezes haviam rechassado as leões dos seus implacáveis adversários, preferiram a segunda, e por ela saíram trágicamente em Agosto de 133 a. de C., após quasi quatro meses de resistência, com um heroísmo feroz, que assombrou o mundo. Neste momento decisivo para a Ibéria, ¡que homens reuniu o acaso, em volta do general vitorioso, contra êsse punhado de montanheses, jamais subjugados! — «Deante dos muros de Numância, escreve o autor (p. 105-106), fizeram as primeiras armas Mário e Jugurta; aqui C. Graco e Lucilio apreenderam o officio da guerra. As chamas de Numância viu Polibio, como treze anos antes tinha visto as de Corinto e Cartago; e na sua extrema velhice deu-se ao trabalho de descrever a guerra numantina, por amor de Numância — para prestar homenagem á luta heroica da independência hispânica, por amor de Roma — porque no extremínio do derradeiro inimigo presentiu o começo duma nova época da sua história, o tempo da declinação».

Com o desenlace da celebrada campanha, podíamos dar por concluída, consoante os limites acima postos, a presente breve noticia do memorável livro, que tantas obscuridades veiu aclarar neste assunto de superior interesse histórico, se não tivéssemos de acrescentar algumas sucintas considerações.

O resumo, cumpre advertir, de ambos os campos belijerantes, que anteriormente fizemos, de modo nenhum enuncia a expressão do texto orijinal, por isso que foi necessário amputar-lhe as observações topográficas, comparativas e eruditas, produzidas a cada passo, com as quais, acrescentando um poder descritivo proeminente, tudo se nos representa, como se estivesse á vista. Todavia, ainda com a mais cuidadosa interpretação dos escritores antigos, cotejada com a localidade, não julga o autor com razão por emquanto resolvidos todos os problemas, que só o serão, quando uma exploração metódica e completa puser a descoberto as ruínas e encontrar nos arredores os vestíjios das linhas circumvalantes: ¡que tesouros de novos conhecimentos não estarão soterrados aí, mal grado da depredação secular,

realizada pelos lavradores da vizinhança? Com o pouco, porém, existente então, com a sua funda erudição e perspicácia penetrante foi possível ao autor traçar os quadros majestrais da fortaleza e do assédio, ajudando á inteligência dos detalhes as gravuras e sobretudo os três mapas anecdoticos, dois dos quais se referem a Numância, sendo o terceiro a planta da citânia de Briteiros. Pela analogia que lhe pareceu ter havido em muitos pontos entre as duas, desta fala frequentes vezes o Sr. Schulten, assim como do illustre explorador dela, o falecido Sr. F. Martins Sarmento: por desfortuna não existe uma monografia que a descreva por completo—falta que não lamentariamos hoje, se não lamentássemos também o seu passamento.

Destruida Numância, a Hispânia estava de facto aberta á conquista romana: ficaram, contudo, subsistindo por perto de século e meio as citânias do noroeste. Isoladas neste canto da península, fora das grandes estradas do comércio, estariam, porventura, immobilizadas numa remota civilização, quando foram submetidas pelos legados de Augusto.

Na occasião em que foi redijida a memória, o eminente historiador alemão não havia ainda feito nenhuma escavação em Numância, a que procedeu, posteriormente, em Agosto e Outubro transactos. Pela comunicação do autor em meado do último mês ao *Jahrbuch d. k. d. a. Instituts*, entre outros detalhes preciosos, sabemos que conseguira descobrir, sotopostos á cidade romana, os restos da povoação ibérica e no fundo d'estes os duma residência pre-histórica, assim como, segundo parece, claros vestígios da « circumvallatio ». No principio de Novembro, elle com o Sr. C. Könen, sábio especialista de cerâmica, visitaram acompanhados pelos Srs. Ricardo Severo e José Fortes o museu de Guimarães, onde os receberam os Srs. Abade de Tajilde e J. J. de Meira; dali foram examinar as ruínas de Briteiros e Sabroso, concluindo a digressão com uma rápida visita ao museu da Figueira, que lhes facultou o Sr. Santos Rocha.

A estreiteza do tempo, á disposição dos illustres visitantes, mal lhes permitiu a demora de poucos dias. Não obstante, é provável que o Sr. A. Schulten tenha determinado algumas averiguações nas nossas duas estâncias arqueológicas e nos dois museus, em comparação com Numância: dado tal caso e em ensejo oportuno, com certeza não deixará de dar publicidade aos resultados obtidos, prestando mais uma vez o seu grande saber á explicação das antiguidades peninsulares.

Porto.

ALBERTO SAMPAIO.

A. da Costa Ferreira—LA CAPACITÉ DU CRANE ET LA COMPOSITION ETHNIQUE PROBABLE DU PEUPLE PORTUGAIS, extrait des *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 1905, 8.^o, 20 pags.

Sciencia portugueza que nos vem do estrangeiro; facto que surprehende pela carencia de trabalhadores que, entre nós, façam obra nacional de analyse. Este é o caso de uma comunicação feita á *Societate de Anthropologia de Paris* sobre anthropologia de portuguezes. Não foi tão longe o Auctor, como bem poderia suppôr-se, para apresentar uma monographia ou um estudo completo de documentos nacionaes, sobre os quaes teria de pronunciar-se a sabia aggremação; o seu trabalho é um pequeno ensaio analytico (como modestamente confessa o A.), cuja documentação é assaz desigual e incompleta e cujas conclusões são hypotheticos corollarios de um theorema a demonstrar, apenas formulado, e de constatação ainda afastada á mingoa de elementos concretos. Não obstante, é grato reconhecer que o seu A. manifesta qualidades perfeitas de observação e de critica e patenteia um habil e prudente manuseamento das estatísticas anthropológicas. Oxalá prosiga em sua canceirosa tarefa quem tão proficientemente se demonstra n'estes meritorios ensaios.

Propõe-se o sr. Costa Ferreira determinar as relações entre a capacidade do craneo do povo portuguez e outros dados anthropometricos como o índice cephalico, índice nasal e estatura. Trabalha sobre observações dos srs. Ferraz de Macedo, Paula e Oliveira, Fonseca Cardoso, Alvaro Basto, Severino Marques, etc. Considera o volume do craneo—que é proporcional á massa organica—como um bom caracter de differenciação ethnica, com o que somos concordantes desde que passe á categoria de subalterno; e mostra-nos como, ora está em concordancia com as outras medidas, ora d'ellas discrepa, explicando-nos pela consideração do volume do craneo estes factos e mesmo algumas das relações harmonicas ou anharmonicas que os restantes caracteres empiricos accusam entre si. Para a constituição ethnica do povo portuguez fornece, em resumo, as seguintes conclusões:

Existe entre nós: um dolichocephalo de pequena estatura, mesorrhinio, de cabeça pequena, (typo de Cro-Magnon) dominante na provincia de Traz-os-Montes;

um dolichocephalo de grande estatura, leptorrhinio, de *muito grande cabeça* (typo nordico), dominante na Beira Alta;

um mesaticephalo pequeno, leptorrhinio, de *grande cabeça* (influencia de um brachycephalo, typo de Grenelle), dominante no Minho;

um mesaticephalo grande, mais leptorrhinio, de *pequena cabeça* (influencia de um mesaticephalo, talvez de origem semitica), dominante no Alentejo;

um mesaticephalo, de estatura intermedia, mesorrhinio, de *cabeça pequena* (influencia de um mesaticephalo de origem berberica), dominante no Algarve;

nas restantes provincias, combinações ou influencias mais ou menos accusadas d'estes typos.

Estas conclusões, habilmente produzidas, resultam de uma serie insufficiente de observações. É este o capital defeito de todos os estudos anthropologicos, em que se pretende resolver por forma global o

nosso problema ethnico. Faltam os numerosos termos d'essa complexa equação, a qual permanecerá indeterminada, enquanto os nossos anthropologos não cuidarem, com a sua boa sciencia e dedicação, de completar as series regionaes ou provinciaes com numero bastante de observações. Esses serão os unicos valores capazes de levantar a mysteriosa indeterminação d'este problema fundamental.

R. S.

A. da Costa Ferreira—LA CAPACITÉ CRANIENNE CHEZ LES CRIMINELS PORTUGAIS, in *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, v série, tome VI.^{ème}, fascs. 5 e 6, 1905, pags. 357 a 61.

Completa o Auctor com esta pequena nota a sua anterior sobre a capacidade craneana dos portuguezes como caracter ethnico. Esta communicação interessa sobretudo ao capitulo sociologico da Anthropologia, quando se applica ao estudo do pretensio *typo criminal*. O A. trabalhou sobre uma interessante estatistica que lhe forneceu o dr. Ferraz de Macedo; publica um quadro numerico, de capacidades craneanas e kormicas de homens normaes e criminosos portuguezes (homicidas e ladrões) e um pequeno quadro das respectivas variações e sua amplitude.

Todo este trabalho resulta esteril, e é apenas uma contra-prova mathematica de que « não existe nenhuma anomalia constante na capacidade craneana dos criminosos » ou, segundo a conclusão final do A., que prejudica todas as anteriores: que é impossivel definir o *typo* do criminoso segundo a capacidade do craneo.

R. S.

AULA DE ANTHROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Trabalhos de alumnos*. Volume I. 8.º, 319 pags. Imp. da Universidade. Coimbra, 1904.

Enfeixa este volume os seguintes trabalhos: *Noticia sobre uma serie de crancos da ilha de Timor*, por Barros e Cunha (1885, pags. 7-28); *Indices cephalicos dos portuguezes*, por Alvaro Basto (1897, pags. 31-82); *Anomalias da divisão craneana*, por José de Menezes (1898, pags. 85-104); *Cranios portuguezes*, por Costa Ferreira (1898, pags. 107-174); *Modificação do goniometro mandibular de Broca*, por João Salema (1899, pags. 177-189); *Sobre o livro de Bertillon « Identification anthropométrique »*, por Souza Pinto (1900, pags. 193-197); *Estudos sobre a mandibula*, pelo mesmo (1901, pags. 201-214); *O angulo biorbitario dos cranios portuguezes*, por Cunha Lucas (1901, pags. 217-223); *O indice nasal dos portuguezes*, por Mascarenhas de Mello (1901, pags. 227-246); *Sobre o indice orbitario dos portuguezes*, por Nogueira de Oliveira (1902, pags. 249-261); *Lei da asymetria que existe nos membros do homem*, por Silva Barreiro (1904, pags. 265-303) e *Projecções orthogonaes do craneo*, por Alvaro Machado (1904, pags. 307-319). São, em geral, dissertações dos alumnos da cadeira de Anthropologia, a algumas das quaes já os redactores d'esta revista teem feito especiaes referencias. Agora tam somente accusamos a coordenação em volume dos resultados obtidos por esta singular innovação no nosso ensino official, mais por elles e seu exito do que pela praxe, aliás corrente, mas anodina, contrafeita, inexpressiva e afinal esteril. Além da originalidade inicial, os fundamentos são buscados em materiaes portuguezes e o objectivo é ainda uma solução de interesses nacionaes.

A iniciativa, o ensinamento e a alta inspecção d'estas investigações cabem ao professor, sr. Bernardino Machado—ao qual grande parte dos seus alumnos tributa, em dedicatorias tam calorosas como justificadas, as homenagens da mais viva sympathia e admiração. E para a *Portogalia* é este um grato momento de poder tambem associar-se, com os mais rendidos applausos, ao preito de que n'este volume é alvo, tam legitimamente, o insigne professor que, n'um paiz indigente de iniciativas como opimo de indolencias, assim ensina e pratica, lucido e fecundo, a Historia Natural do Homem.

R. P.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos—ALGUMAS PALAVRAS A RESPEITO DE PUCAROS DE PORTUGAL, in *Bulletin Hispanique*, pags. 140-196 do tom. VII. Feret & Fils eds. Bordeaux, 1905.

Como todos os estudos da insigne escriptora, este trabalho, não obstante a modestia do seu titulo, é ainda revelador das primaciaes facultades de talento e do prodigioso saber que enaltecem a eminente romanista. Sob a apparencia d'uma puerilidade, a materia assume proporções inesperadas sem que a solida massa dos subsidios colligidos prejudique a ductilidade expressiva.

Começa a auctora por defender a these de que pucaros e bucaros teem a sua patria na peninsula, em opposição aos escriptores que filiaram as suas origens em certo vasilhame similar de fabrico americano. Já na idade-média se usavam vasos, para beber agua, de barro toscos não vidrados; mas só depois do advento da primeira dynastia foi que os oleiros entraram nos *Vinte e Quatro* mistéres privilegiados. E' então que nas posturas municipaes começam a figurar os pucaros, usados afinal desde a casa plebeia ao paço regio. A reputação dos pucaros através das referencias litterarias, o elogio dos nossos barros na litteratura, as allusões á bucarophagia e á bucaromania, seja por gulodice, ou seja por superstição e crença no adelgaçamento do corpo ou diminuição da fecundidade, o subsidio linguistico, os adagios, as formas e a nomenclatura ceramica occupam amplamente a escriptora excelsa em reflexões e noticias do

mais vivo interesse historico. Apenas, por estar fóra do seu campo de estudo, a illustre publicista não dá conta de ancestralidades mais remotas, em galbas e ornamentos, que a paleoethnologia decididamente já accusou. Quando muito limita-se a suspeitar que artistas populares romanos fabricaram, com barros finos do Alemtejo, vasilhame para os peninsulares á moda e pelos processos arretinos.

Esta monographia é, no seu conspecto especial, uma das mais suggestivas e notaveis contribuições que hoje conta a escassa litteratura ceramographica portuguesa.

R. P.

A. Thomaz Pires — ESTUDOS E NOTAS ELVENSES, 8 opusculos in-8.º Torres de Carvalho ed. Elvas, 1904-5.

O laborioso e illustre investigador alemtejanico, organisando uma bibliotheca com o titulo que epigrapha esta nota, não só traz a publico novos productos das suas pesquisas historicas e folk-loricas, mas cuida ainda em reunir a sua enorme documentação espalhada por jornaes e revistas. O primeiro opusculo occupa-se do *S. João de Elvas*, comportando a parte tradicional e varios diplomas officiaes allusivos á famosa solemnidade popular; o segundo é exclusivamente historico e diz respeito á entrega de Elvas a Castella em 1580; o terceiro é uma monographia da capella do Senhor Jesus da Piedade, na qual, entre outros titulos de curiosidade, avultam as informações tão interessantes sobre os *milagres (tabula votiva)*; o quarto intitula-se *O casamento de Luiz José de Vasconcellos e Azevedo* e representa um capitulo de curioso valor historico; o quinto, já conhecido dos leitores d'esta revista, reproduz o seu trabalho ácerca dos *Amuletos alemtejanos*; o sexto é ainda uma pequena memoria regional sobre as solemnidades populares do Natal, Anno Bom e Reis; o setimo, sob o titulo *Vasco de Lobeira*, fornece documentos ineditos de consideração para o problema litterario que anda junto a influencias e origens do «Amadis de Gaula»; e o oitavo exhibe dados novos para a biographia de *Garcia da Orta*.

Outros se seguirão, alguns já annunciados e varios em projecto, o que é motivo para felicitar-mos auctor e editor, mercê d'uma iniciativa tão rara pelo objectivo como pelo desinteresse.

R. P.

A. Thomaz Pires — CANTOS POPULARES PORTUGUEZES (Recolhidos da tradição oral e coordenados por), vol. II, 8.º, 412 pags. Typ. Progresso. Elvas, 1905.

Com este segundo volume ultima-se a primeira metade do cancionero organizado pelo illustre folk-lorista alemtejanico, pois que cabendo á primeira trova o n.º 2:562 encerra-se com a de n.º 5:000. E são 10:000 as estrophes recolhidas. E'-nos grato consignar que mantemos, como se agora escripto fosse, o commentario exarado, a proposito do primeiro tomo, n'uma das paginas bibliographicas d'esta revista.

R. P.

C. Boulanger — LE DROIT DE MARCHÉ (Coutume des environs de Péronne), *Recherches sur son origine*. Péronne, Loyson, libr.: Paris, Pédone, libr.-éditeur, 1906.

Dans cet ouvrage aussi fermement appuyé sur des faits que sur une critique pénétrante, le savant auteur explique une coutume agraire que l'on ne trouve aujourd'hui en France que dans l'arrondissement de Péronne. Elle y frappe encore par une estimation approchée 20.000 hectares en 100 communes. Les terres qui par une tradition immémoriale en sont grevées, appelées par les paysans « du marché », s'entremélangent à celles soumises au régime du droit commun, les terres libres, ne se confondant jamais avec les autres. Cet usage a établi un droit coutumier sans existence légale, malgré les efforts des législateurs et des magistrats pour l'éteindre, depuis le quinzième siècle. Mais d'abord il faut déterminer le sens de « marché » et celui de son droit.

Quant au premier mot, l'auteur cite le passage suivant de M. Glasson — «... on appelait autrefois, en Picardie, les plaines, les champs, des *marchés ou marçais*. A l'origine, ce mot de basse latinité, *marca*, avait désigné la frontière et la terre commune, puis ensuite, et de bonne heure, il s'était souvent appliqué à tout lot de terre faisant l'objet d'une propriété individuelle »¹. De son côté, M. Boulanger dit — « *marché de terres*, mots qui désignent un lotissement que l'on exploite, que l'on vend ou que l'on achète »²; et le droit de marché est défini par lui — *la possession à perpétuité*, pour le fermier, ses descendants et ayants-cause, et en dehors de toute loi, *des terres qu'il occupe en vertu d'un bail ou par tacite reconduction, moyennant une redevance autrefois invariable, presque toujours en nature* ³.

Voici donc un bail perpétuel en vertu duquel le fermier possède le droit de transmettre, par tous les moyens légaux, le bien fonds qu'il exploite, mais aux conditions suivantes; — 1) une redevance fixe; — 2) un pot-de-vin lorsqu'il y a renouvellement de bail; — 3) un droit d'agrégation ou d'intrade

¹ *Le droit de marché*, pag. 15, n. 2.

² *Ibidem*, pag. 15.

³ *Ibid.*, pag. 15.